

**UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ICHF - INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**

RODRIGO BORGES DE AZEVEDO

**UMA INTRODUÇÃO AO GNOSTICISMO: UM ESTUDO SOBRE O LIVRO
SECRETO DE JOÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense como requisito parcial
para a obtenção do grau Bacharel em Filosofia.

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCUS REIS PINHEIRO

NITERÓI

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor:

Título:

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em ___/___/_____,
com nota _____, pela comissão julgadora:

DEDICATÓRIA

A meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família: Valfan, Dorian, Paula, Sara, Ely e Zangado. De maneira especial, também, a Livia, por todo suporte e amor. Impossível não destacar a colaboração, orientação e paciência do Marcus.

“Whoever does not stand in darkness will not be able to see the light.”
The Dialogue of the Savior 127.19

RESUMO

Este trabalho consiste num estudo preliminar de uma religião do Helenismo — o Gnosticismo. Para tanto, o *Livro Secreto de João* foi escolhido devido à sua relevância e por apresentar de forma concisa um sistema gnóstico, versando a respeito de temas sobre a origem e natureza de deuses, semideuses, cosmo e homens. Finalmente, por se tratar de uma mitologia acerca de queda e redenção, analisamos como se desenvolve a doutrina da salvação revelada por Cristo a seu angustiado apóstolo João.

Palavras-chave: Gnosticismo, Apócrifo de João, Livro Secreto de João, Nag Hammadi.

SUMÁRIO

I. APRESENTAÇÃO	14
1. Quem são os Gnósticos e o que é Gnosticismo?	17
2. Gnosticismo e Cristianismo	18
3. História da Investigação	19
4. Qumram e Nag Hammadi	21
5. Críticas ao Conceito "Gnosticismo"	23
II. INTRODUÇÃO	25
1. Ouvistes o que foi dito aos Antigos...	25
2. Por que Apócrifo de João?	26
3. Composição e Estruturas da Narrativa	27
4. Resumo da Narrativa	28
III. TEOGONIA E COSMOGONIA	31
1. O Pai	31
2. Sofia	34
3. O Filho	35
4. A Queda de Sofia	36
5. O Ignorante Ialdabaoth	37
IV. ANTROPOGONIA E SOTERIOLOGIA	39
1. Arrependimento de Sofia	39
2. A Criação do Homem	41
3. A Salvação	44
V. CONCLUSÃO	50

I. APRESENTAÇÃO

"The twelve disciples were all sitting together, recalling what the Savior had said to each of them, whether in a hidden or an open manner, and organizing it in books."

Livro Secreto de Tiago 2.7

Nosso objetivo é produzir uma introdução ao Gnosticismo, uma religião marginal dos primeiros séculos da Era Comum. Para tanto, tomamos como objeto de estudo uma das mais importantes fontes primárias — o *Livro Secreto de João*, descoberto apenas em 1896. Este trabalho está dividido em cinco partes. Inicialmente, apresentamos de modo geral o conceito de Gnosticismo e seus principais problemas, a fim de fornecer certos traços básicos para então continuar propriamente o nosso propósito, que consiste num exame do texto do *Livro Secreto de João*. Com esse intento, no segundo capítulo introduzimos especificamente o manuscrito gnóstico, comentando sobre sua composição, estruturas e concluimos com um breve resumo da narrativa. Posteriormente, o terceiro e quarto capítulos se destinam a explicar o tratado. Tal divisão se justifica por acompanhar o desenvolvimento natural da obra literária, pois, num primeiro momento, os principais temas abordados são de ordem teológica e cosmológica, prosseguindo para antropologia e soteriologia. No último capítulo, retomamos brevemente os temas discutidos, destacando que nosso trabalho representa uma etapa para uma futura pesquisa filosófica.

Há bem pouco tempo, as principais fontes disponíveis sobre o Gnosticismo, em suas diversas correntes, eram os textos dos heresiólogos cristãos. Embora não identifique precisamente grupos gnósticos, até os próprios escritos canônicos do cristianismo advertem a respeito de uma falsa religiosidade que é combatida. Os testemunhos da patrística nos confirmam que, desde os primórdios de nossa era, a relação entre “Gnosticismos” e “Cristianismos” foi bastante conturbada. Uma vez que não havia um cânon sagrado determinado, o resultado foi uma sistematização de ambos os lados com objetivos muito claros: refutar o inimigo e defender a verdadeira fé dos enganados. Apesar de emergirem do

mesmo ambiente e cultivarem uma série de crenças comuns, aos poucos a relação de proximidade se tornou insustentável.¹

Certamente, o distanciamento da instituição cristã, sofrendo severas perseguições e críticas de suas principais lideranças, foi um evento bastante influenciador na constituição do conceito Gnosticismo por posteriores pesquisadores modernos. A tal ponto de, praticamente, acreditar-se que o que definia os gnósticos era apenas aquelas crenças que destoavam da ortodoxia estabelecida. Inesperadamente, as descobertas de manuscritos gnósticos originais no século XX impulsionaram uma “nova era na pesquisa”,² como também, permitiu que vozes, antes caladas, condenadas e perseguidas ecoassem novamente. Como consequência desse considerável aumento da literatura gnóstica, o exame dessas fontes possibilitaram uma profunda análise, crítica e revisão dos conceitos sobre Gnosticismo por estudiosos ao redor do mundo. Além disso, porque “muito ainda se encontra em estado de fluxo, escrever uma história completa da gnose permanece uma tarefa para o futuro”,³ um compromisso de toda uma geração. Nosso intento, portando, é participar desse movimento, investigando essas misteriosas palavras que ficaram por séculos encobertas.

Como tal tarefa é mesmo enorme, iremos neste trabalho apresentar apenas uma introdução geral ao Gnosticismo, fazendo uma análise de temas que julgamos importantes do *Livro Secreto de João*. Embora descoberto somente em 1896 no Cairo, não foi publicado até 1955. Mas pouco antes disso outras três versões também foram encontradas no Egito, mais propriamente na cidade de Nag Hammadi, em companhia de cinquenta e dois textos em linguagem copta traduzidos de originais em grego, organizados em doze códices. Surpreendentemente, os três se destacavam como livro de abertura de três códices. Ademais, preocupado em defender o que avaliava ser a verdadeira fé, Irineu de Lyon,⁴ um dos principais líderes da Igreja, em seu livro chamado *Contra as Heresias*, sumariza um texto grego semelhante à primeira parte do *Livro Secreto de João*.⁵ Por esses indícios, sugere-se evidente que tenha sido uma obra influente em sua época,⁶ ao ponto de já ter sido considerada por um especialista, “a bíblia gnóstica por excelência”.⁷ Essas são algumas motivações que

1 O livro de PHEME PERKINS, *Gnosticism and the New Testament*, é uma importante referência sobre essa questão.

2 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987. p. 34.

3 *Ibidem*, p. 275.

4 Irineu de Lyon (130 - 202) foi um bispo grego, teólogo e escritor cristão. Sua obra mais famosa, *Contra Heresias*, dedicava-se, principalmente a criticar o gnosticismo como ameaça à ortodoxia da religião cristã.

5 LUTTIKHUIZEN, Gerard P. *Gnostic Revisions of Genesis Stories And Early Jesus Traditions*. Brill, 2006. p. 2.

6 TURNER, John D. *Gnosticism and the Platonic Tradition*. Presses de l'Université Laval, 2006. p. 69.

7 WILLIAMS, Michael A. *Rethinking “Gnosticism”: an argument for dismantling a dubious category*. Princeton, 1996. p. 8.

nos impeliram a decidir estudar o *Livro Secreto de João* como uma introdução ao Gnosticismo. Sem, contudo, pretender universalizar doutrinas exclusivas dessa obra para definir algo muito mais amplo e complexo como o conceito de Gnosticismo. Assim, nossa questão se manifesta muito mais específica. Em vez de nos perguntarmos a respeito dos porquês do *Livro Secreto de João* ser designado gnóstico, preferimos: o que nos revela, o *Livro Secreto de João*, considerado gnóstico?

O título original chama-se *Apócrifo de João*, significando o termo apócrifo nada mais que isto: algo secreto, escondido, pelo qual o Cristo ressurreto revela a João mistérios extraordinários, conhecimentos divinos. Mas que mistérios são esses? Brevemente, segundo a narrativa, Jesus tem o objetivo de amparar seu discípulo que padecia no espírito, perdido, repleto de dúvidas, bem como, instruí-lo para que transmitisse esses conhecimentos a seus irmãos espirituais. Assim, o Salvador comunica a João sobre tudo quanto antecede a criação descrita no Gênesis, e, posteriormente, explica a verdadeira interpretação do primeiro livro de Moisés. Radicalmente, o deus dos judeus é depreciado e revelado como um ser inferior e orgulhoso, hierarquicamente subalterno à divina trindade formada pelo verdadeiro Pai transcendente, Sofia e o Filho Jesus. Além do mais, a fim de explicar a situação humana, Jesus responde sobre como a plenitude do reino celeste foi comprometida. Mediante um erro, Sofia perde parte da luz espiritual (*πνεῦμα*) e produz um filho bastardo. Denominado Ialdabaoth, ele é um deus inferior e ignorante, que não compartilha das mesmas qualidades das divindades superiores. Por isso mesmo, inspirado na plenitude (*πλήρωμα*)⁸ do reino espiritual, criou um mundo que não passa de uma imitação inferior das regiões celestiais. Não obstante, qual é a boa nova do Salvador? Como resolver esse problema?

Para alcançar nosso propósito e responder a essas questões, inicialmente apresentaremos informações tradicionais sobre o que se concebia como conceito de Gnosticismo. Não apenas sua relação com o Cristianismo, como também as questões referentes à história da investigação do conceito. Certamente, as importantes descobertas arqueológicas de manuscritos gnósticos originais precisam ser destacadas, bem como as consequências dessas descobertas para a pesquisa. Em seguida, prosseguiremos à análise do *Livro Secreto de João*, destacando, primeiramente, informações introdutórias relevantes para situar o leitor, para então, finalmente, explicar os principais temas e movimentos da narrativa.

⁸ Termo grego utilizado e que significa plenitude, perfeição, onde nada falta. Um dos nomes para descrever a região celeste superior ao reino de Ialdabaoth.

1. Quem são os Gnósticos e o que é Gnosticismo?

Os gnósticos são aqueles que proclamam o conhecimento (*gnosis*) como meio de salvação, graças a uma revelação especial. Salvação essa, não propriamente por obras, nem muito menos pela fé no sangue de um redentor derramado na cruz. Em contraste, professam a salvação através do conhecimento de verdades divinas que respondem a questões existenciais, como por exemplo, de onde viemos? quem somos? para onde vamos? Gnósticos são, num sentido amplo, aqueles que sabem. Todavia, é preciso esclarecer um equívoco muito comum, pois não se trata de uma sabedoria intelectual e racional. O *Tratado Sobre a Ressurreição*,⁹ por exemplo, nos atesta que aqueles que desejam se tornar intelectuais, tentando explicar problemas insolúveis, estão longe da palavra da verdade. Ainda se pode dizer que os gnósticos são aqueles que recebem o descanso quando encontram essa verdade.¹⁰ São, portanto, os detentores de uma sabedoria espiritual capaz de livrar o homem da ignorância e das ilusões deste mundo onde tudo se transforma.¹¹ Os gnósticos são aqueles que, em virtude do conhecimento, despertaram suas mentes de um sono profundo,¹² como também, aqueles que enxergam o invisível e conhecem a si mesmos.¹³ Desse modo, não necessitam da mediação de líderes de uma instituição religiosa, um dos motivos pelos quais permaneceram à margem dessas organizações.

Em 1966, durante o congresso sobre *Origens do Gnosticismo* em Messina, convencionou-se chamar Gnose o “conhecimento de segredos divinos reservados para uma elite” e Gnosticismo, termo criado somente no século XVIII, “os sistemas com essa característica, pertencentes ao segundo e terceiro séculos de nossa era”.¹⁴ Quanto a questão sobre a origem do movimento gnóstico, bastante controversa e muito discutida nos primórdios da pesquisa acadêmica do tema, já o consideraram um movimento genuinamente cristão ou, pelo contrário, um grande perigo para a mensagem cristã. Enquanto uns defenderam se tratar

9 O *Tratado Sobre a Ressurreição* é o quarto livro do primeiro códice da *Biblioteca de Nag Hammadi*.

10 MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009. p. 52.

11 *Ibidem*, p. 55.

12 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p. 135.

13 MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009. p. 239.

14 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987. p. 56.

de uma religião pré-cristã de origem judaica, outros destacaram uma clara influência grega,¹⁵ ao ponto do teólogo e pesquisador Harnack¹⁶ diagnosticar corresponder o gnosticismo a uma “aguda helenização do Cristianismo”¹⁷, ou seja, cristãos profundamente influenciados pela cultura helênica. Todavia, embora se julgue notória a característica de ser um movimento de natureza religiosa de ascendência oriental, Hans Jonas o define como “o espírito da antiguidade tardia”.¹⁸ Finalmente, para além da questão da gênese, parece ser ponto pacífico consistir o gnosticismo um movimento sincrético, pelo modo como associa mitologias e filosofias diversas na construção de seus manuscritos.

2. Gnosticismo e Cristianismo

Por volta do ano de 140, Valentino, nascido no Egito, foi um importante bispo em Alexandria com tendências gnósticas. Num dado momento, chegou a mudar para Roma e se tornou um influente líder espiritual, candidatando-se à eleição de bispo de Roma, cargo equivalente ao de papa para a época. Possivelmente, caso não tivesse sido refutado pelo heresiólogo Tertuliano, teríamos uma história bastante diferente.¹⁹ Com a institucionalização do Cristianismo, os escritos gnósticos foram considerados heréticos pelo testemunho da patrística, especialmente aqueles também chamados de apologistas (seus mais ferrenhos opositores). Como resultado, denunciaram os ensinamentos gnósticos como fraude, mentira, magia, ensino de satanás e um perigo para a verdadeira fé. Desse modo, ainda que sejam a mais importante fonte secundária, tomando-os como fonte principal para o estudo do gnosticismo, proporcionam uma visão parcial e distorcida. Nesse espírito, Irineu, em seu livro *Contra as Heresias*, comparou o gnosticismo à hidra, um mostro de várias cabeças,²⁰ e disse que “a cada dia inventam algo novo”.²¹ Como já indicamos, este mesmo Irineu condena nesta sua obra um livro descrito de forma muito semelhante à primeira parte do *Livro Secreto de João*. Até o século XIX, antes das descobertas dos livros sagrados gnósticos, essas eram a

15 FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Martins Fontes, p. 312.

16 Adolf Von Harnack (1851-1930) foi um teólogo luterano e um dos primeiros pesquisadores a se dedicar ao estudo do Gnosticismo.

17 BULTMANN, R. *Primitive Christianity*. Thames and Hudson, 1956. p. 162.

18 WIESE, Christian. *Memoirs Hans Jonas*. Univ Pr of New England, 2008. p. 65.

19 MEYER, M. *The Gnostic Discoveries*. p. 119.

20 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987. p. 53.

21 JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963. p. 179.

únicas referências (além de algumas poucas outras indicações, como Plotino, “Contra os gnósticos, ou contra aqueles que dizem que o criador do mundo é perverso e que o mundo é mau“, Enéada II. 9). Como resultado, conseguiram: fazer desaparecer as comunidades gnósticas e suas heranças literárias. Finalmente, dentre os principais heresiólogos, destacamos: Justino, Irineu de Lyon, Hipólito de Roma, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio de Cesareia e Agostinho de Hipona.

3. História da Investigação

Somando a preponderância da literatura cristã contra os gnósticos, um reduzido número de comunidades gnósticas em atividade e a carência de fontes primárias, todos esses motivos concorreram para que sua religiosidade não fosse investigada por séculos. Por tudo isso, somente em 1827, Ferdinand Christian Baur, considerado o “ponto de referência sobre a pesquisa²² acadêmica a respeito da gnose, defendeu em sua tese de doutorado que o cristianismo dos gnósticos procede do Oriente. Sucedendo-o, temos o importante trabalho de Adolf Von Harnack (1851-1930), intitulado *A tentativa gnóstica de criar uma doutrina de fé apostólica e uma teologia cristã, ou: a severa secularização do Cristianismo*.²³ Embora tenha reconhecido uma gnose extracristã, Harnack principalmente defendeu em seu estudo o Gnosticismo como uma helenização do Cristianismo. Posteriormente, Hilgenfeld (1884) propôs a origem da Gnose como não-cristã, originada dos Samaritanos e que influenciou o Cristianismo judaico.²⁴ Já no início do século XX, Bousset e Reitzenstein procuraram explicar a Gnosis como “uma mistura pré-cristã de religião babilônica e iraniana“,²⁵ ou seja, uma religião de raiz oriental. Contudo, a pesquisa de Rudolf Bultmann se destaca por apresentar uma inter-relação entre Gnosticismo e *Novo Testamento*. Talvez por reconhecer que a definição do Gnosticismo como uma simples oposição ao Cristianismo era uma redução que não satisfazia,²⁶ encontrou nos livros canônicos mitos e uma linguagem gnóstica que

22 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987. p. 31.

23 HARNACK apud RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987. p. 31.

24 Ibidem, p. 32.

25 Ibidem.

26 “Hellenistic christianity is in the maelstrom of the syncretistic process; the genuinely Christian element is wrestling with other elements; “ortodoxy“ does not exist at this early period but is still to develop.”

BULTMANN, R. *Theology of the New Testament*. Baylor University Press, 2007. p. 171.

contribuíram, em especial, para o desenvolvimento do Cristianismo Helenístico.²⁷ Entretanto, o grande autor que impulsionou a pesquisa foi Hans Jonas, que em 1934 publicou *A religião Gnóstica*,²⁸ considerado um clássico da investigação. Seu trabalho foi muito influente, principalmente depois das descobertas de manuscritos originais gnósticos no Egito, a ponto de, como consequência, pesquisadores voltarem seus olhos para essas obras buscando confirmar as categorias preestabelecidas por Hans Jonas para definir o Gnosticismo.

Embora na atualidade dispnhamos de variadas fontes, convencionou-se sumarizar algumas características essenciais para definir o Gnosticismo: consistindo, talvez, a principal delas, na reivindicação e inclinação de se reconhecerem herdeiros e guardiões de ensinamentos secretos, evangelhos, tradições e rituais; como segunda a se destacar temos uma distinta influência oriental; como terceira, uma esperança de salvação transmudana; em quarto a crença num dualismo radical, ao qual Hans Jonas sintetiza descrevendo o Gnosticismo como uma “religião dualista transcendente de salvação”,²⁹ sendo esse dualismo tanto cosmológico quanto antropológico. Pois, se por um lado temos um reino de luz, de outro e, em completa oposição, temos um reino de trevas. Ou seja, um reino sustentado pelo divino conhecimento e outro condenado à ignorância. Dessa forma, o plano superior é governado por uma divindade absolutamente meta-cósmica e de natureza totalmente diferente do mundo. Por outro lado, como seu opositor, temos o deus criador do mundo, venerado por judeus e cristãos, mas severamente condenado pelos gnósticos como um deus imperfeito, legalista, ignorante, cego e arrogante.

Essa esperança de salvação transmudana se destaca porque a ideia de queda e redenção forja o mito central do Gnosticismo. Queda essa não do homem, como tradicionalmente acredita o Cristianismo, mas da divindade Sofía, pois, devido a um erro que cometeu, perdeu poder e partes espirituais (*πνεῦμα*) do reino de luz que foram aprisionadas em cada um dos homens³⁰; como também acreditam os gnósticos num plano de redenção que por fim restaurará os efeitos da queda, proporcionando finalmente a harmonia da unidade celestial primordial. Apesar disso, o que torna esse resgate possível? A iluminação do homem por meio do conhecimento verdadeiro que também é conhecimento de si mesmo. Ou seja, para o gnosticismo, conhecer a si mesmo e conhecer a Deus é uma e a mesma coisa. Todavia,

27 Mais sobre a constituição do Cristianismo como movimento sincrético em BULTMANN, R. *Primitive Christianity*. Thames and Hudson, 1956.

28 JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963.

29 Ibidem, p. 32.

30 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p. 115.

as partículas divinas que caíram somente despertam através de uma revelação transcendente de um conhecimento (*gnosis*) libertador. Tal conhecimento é capaz de corrigir um erro cósmico, acabar com a ignorância e tornar enfim possível o retorno do espírito divino à sua origem após a morte, a fim de encontrar o tão esperado descanso, esperança final do fiel gnóstico. Esse conhecimento espiritual acende no fiel a centelha divina em seu interior, tornando-se fonte espiritual capaz de instruir acerca de sua origem divina, comunicar-lhe as razões de sua condição, além de capacitar para a salvação que nada mais é do que o retorno dessa partícula espiritual à plenitude divina. Por isso mesmo, o *Tratado Tripartido*³¹ nos conta que receber o conhecimento sobre o Pai é uma manifestação de sua generosidade e revelação de sua abundante bondade, conhecimento de tudo o que pode ser pensado e comparado a um tesouro.³²

4. Qumram e Nag Hammadi

Atualmente vivemos num período em que, felizmente, dispomos de um grande acréscimo das fontes primárias graças à, talvez, maior descoberta arqueológica do século XX: os manuscritos de Qumran e de Nag Hammadi, conforme nos atesta Kurt Rudolf:

A descoberta de manuscritos hebraicos em 1947 na margem ocidental do Mar Morto próximo a Wadi Qumran atraiu atenção muito além do círculo de estudiosos. Eles pertencem, sem dúvida, aos achados mais importantes deste tipo e por isso foram amplamente descritos e avaliados, e não apenas por revistas especializadas. Por outro lado outra descoberta provocou menos sensação entre o público mais amplo. Foi feita aproximadamente ao mesmo tempo no Egito e é de importância semelhante, desde que pela primeira vez trouxe à luz uma quantidade extensa de textos gnósticos originais em linguagem copta.³³

Apesar de a descoberta de Qumran ser menor, contêm textos que são séculos mais antigos e menos preservados que os de Nag Hammadi. O exame de seus escritos registram

31 Quinto livro do primeiro códice da *Biblioteca de Nag Hammadi*.

32 MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009. p. 97.

33 RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987, p. 34, tradução nossa do inglês.

críticas à religião oficial. Bem como confirmam que ambas possuíam uma visão dualista e sustentavam uma hostilidade frente ao mundo, enquanto aguardavam redenção através de um evento apocalíptico de vitória dos filhos da luz sobre a escuridão ou através da liberação do espírito, centelha divina, para o reino de luz num além mundo. Os papiros encontrados em Nag Hammadi reúnem controversos ensinamentos quanto à criação do cosmo, aspectos a respeito da vida, morte e ressurreição de Jesus, como também sua relação com seus apóstolos. Ora trazendo histórias desconhecidas, ora apontando uma interpretação completamente diferente das narrativas canônicas. O *Evangelho de Judas*, por exemplo, parece rejeitar de modo vigoroso a crença habitual de que Jesus morreu em sacrifício por nossos pecados, bem como o costume de celebrar sua morte na eucaristia. Parece-nos claro uma glorificação do “traidor”, em distinta oposição aos outros ignorantes apóstolos, separado dos demais para aprender sobre os mistérios do reino e a obedecer ao que Jesus comissiona. Em suma, bem diferente de um Judas marginalizado dos sinóticos, o Judas gnóstico é elevado a um perspicaz e devotado discípulo – a quem foi confiado o verdadeiro conhecimento e a funesta missão de ajudar a sacrificar o homem Jesus carnal para que o Cristo espiritual seja libertado. Assim procedendo, negou o mundo, carregou a cruz, a pecha de traidor e as pedradas mortais dos onze “piedosos” discípulos, permanecendo fiel a seu mestre até o triste fim.

Desde que o *Livro Secreto de João* pertence também aos manuscritos encontrados em Nag Hammadi, acreditamos ser interessante citar algumas das principais contribuições da descoberta dessa biblioteca destacadas por Kurt Rudolf,³⁴ a saber: (1) Possibilitou um grande acréscimo das fontes primárias de textos gnósticos em linguagem copta (em sua maioria traduções de originais em grego), fonte mais independente que a dos heresiólogos, permitindo uma leitura segundo a perspectiva dos fiéis; (2) Provou que diferentes escolas e movimentos possuíam diversas formas de pensar e lidar com o mundo, que antes poderíamos apenas suspeitar; (3) Reúne textos cristãos, menos cristãos e não-cristãos; (4) Permitiu-nos descobrir que alguns gnósticos compreendiam-se como corretos intérpretes do Cristianismo (o *Apocalipse de Pedro*³⁵, por exemplo, nos confirma esse ponto ao dizer que “aqueles fora do nosso número que se nomeiam bispos e também diáconos... são canais secos”,³⁶ numa alusão a *2 Pedro 2.17*). (5) Atesta uma contribuição de tradições judaicas para o desenvolvimento da Gnose; (6). Demonstra que foram influenciados pelo pensamento grego (especialmente

³⁴ Ibidem, p. 51-52.

³⁵ Terceiro manuscrito do sétimo códice da *Biblioteca de Nag Hammadi*.

³⁶ MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009. p. 495.

Platão); (7) Por fim, colaborou para o debate sobre a figura do redentor e sua relação com o Cristianismo. Ou seja, a teoria relativa a uma expectativa de redentor por comunidades pré-cristãs e não-cristãs prova estar correta.

5. Críticas ao Conceito "Gnosticismo"

Apesar da tentativa de enquadrar o Gnosticismo num molde, é preciso ressaltar a existência de relevantes críticas ao conceito.³⁷ Com efeito, originalmente, recordemos que o termo e suas especificidades foram cunhados por seus opositores, com um objetivo muito específico: condenar veementemente aquilo que ameaçava a crença do grupo dominante. Ademais, aliado à carência de fontes primárias, os escritos desses perseguidores foram tomados em alta conta para cunhar o termo gnosticismo, a tal ponto de, com a descoberta dos papiros originais, gerarem a expectativa de confirmarem tais conceitos. Todavia, as análises dos “novos” evangelhos e textos sagrados derrubaram por terra muitos dos pressupostos geralmente associados ao conjunto de concepções ligadas à natureza do termo “gnosticismo”, ameaçando, desse modo, o modelo forjado a tornar-se vazio de sentido. Por isso, Michael Allen Willian, mesmo reconhecendo a limitação de sua proposta, sugere o abandono das longas listas de definições sobre gnosticismo por apenas uma: “tradições bíblicas demiúrgicas”³⁸. Nesse mesmo espírito, Elaine Pagels, importante pesquisadora do Gnosticismo e autora do popular livro *Os Evangelhos Gnósticos*, confessa que, ao abandonar termos inventados, o que resta são “muitos diferentes tipos de Cristianismos”.³⁹ Sugerindo ainda que a mais importante questão, portanto, é ressaltar as similaridades entre “heresia” e “ortodoxia”, ao invés de demarcar rigidamente as diferenças, como fizeram os heresiólogos. Nesse sentido, Karen L. King argumenta:

Both work with this notion of humanity created in the image and likeness of God and the need for a restoration of that. They both see Christ as the revealer figure, with the body as the place where the struggle takes place. They both have views at

37 Michael Williams em *Rethinking “Gnosticism”: An Argument for Dismantling a Dubious Category* e Karen King em *What is Gnosticism*.

38 WILLIAMS, Michael A. *Rethinking “Gnosticism”: an argument for dismantling a dubious category*. Princeton, 1996. p. 51.

39 BYRNE, Richard. The end of Gnosticism? *The Chronicle of Higher Education*. 52.35 (5 de Maio, 2006)

the end where humanity is divided into three groups depending on how you do⁴⁰.

Em resposta, Marvin W. Meyer, discorda:

That these terms are polemical terms, rhetorical terms. They define the Other. But what always makes me pause before abandoning ‘Gnostic’ is the fact that Irenaeus says that there are certain people who refer to themselves as ‘Gnostikoi.’ If they think of themselves as Gnostikois, it gives me a certain confidence.

Abandonar o termo Gnosticismo, conclui, “seria fragmentar nosso conhecimento, de tal forma que não saberíamos sobre o que estamos falando“. No entanto, deve-se lembrar que o termo é utilizado por diversos grupos além dos que hoje em dia chamados gnósticos. Mesmo o católico Clemente de Alexandria descrevia a si mesmo como um *gnostikoim*⁴¹, bem como afirmava que os seguidores de Prodicus também se reconheciam *gnostikoim*.⁴² e também, o místico cristão Evagrius, considerava-se um *gnostikoim*.⁴³ Ou seja, todos eles se consideravam “aqueles que sabem“.

Por fim, acreditamos que vale a pena investir esforços na investigação do *Livro Secreto de João*, (apontando desvios e convergências quanto ao conceito de Gnosticismo), porque essa e demais descobertas arqueológicas revelaram-se de valor inestimável para a humanidade, pois trouxeram à memória toda uma compreensão da existência humana que fora perseguida, condenada e que permaneceu por séculos soterrada e esquecida, especialmente aspectos do cristianismo que ainda não estão muito bem esclarecidos e que o formou originalmente.

40 KING, K. apud BYRNE, Richard. The end of Gnosticism? *The Chronicle of Higher Education*. 52.35 (5 de Maio, 2006)

41 MASTROCINQUE, Attilio. *From Jewish Magic to Gnosticism*. Mohr Siebeck, 2005. p. 5.

42 WILLIAMS, Michael A. *Rethinking “Gnosticism“: an argument for dismantling a dubious category*. Princeton, 1996. p. 273.

43 WIMBUSH, Vincent L. *Asceticism*. Oxford, 2002. p. 65.

II. INTRODUÇÃO

"E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras." *Lucas 24.27*

1. Ouvistes que foi Dito aos Antigos...

Este capítulo preliminar precede a própria análise e explicação do *Livro Secreto de João*. Por hora, nossa preocupação específica consiste em oferecer uma breve discussão sobre o nosso objeto de estudo. De que trata o texto? Por que foi intitulado apócrifo? Qual a sua composição e estrutura? Em conclusão, oferecemos um breve resumo do manuscrito.

O *Livro Secreto de João* é uma narrativa a respeito da revelação do Cristo ressurreto ao apóstolo João, um discurso do mestre com o objetivo de sanar as dúvidas de seu angustiado discípulo, discorrendo desde a primordial unidade divina até a origem e derradeiro retorno de todas as coisas. Além disso, embora se caracterize como uma ampliação do livro de Moisés, o Gênesis, porque o salvador se manifesta acerca de tudo quanto antecede a existência de céus e terra, também se pode dizer que é uma reformulação bastante crítica do livro canônico, pois se destina a interpretá-lo de modo bastante destoante da tradição judaica. Segundo o Gnosticismo apresentado no *Livro Secreto de João*, contrastando com o que foi dito pelos antigos, Jesus nos diz⁴⁴ que a criação do mundo e do homem não foram tão perfeitas assim, nem a queda acontece no Éden ou ela seria culpa da humanidade, posto que é anterior à própria criação do homem. Em suma, um tratado da “odisséia” de Sofia, a providência e sabedoria divina, o drama sobre o afastamento do Espírito divino do Deus transcendente em direção ao Mundo. Por fim, trata-se, principalmente, de uma revelação que é também uma boa nova, pois manifesta um conhecimento especial acerca da salvação do Deus desconhecido que providencia um retorno à unidade primeira, seu verdadeiro lugar de

44 No sermão da montanha Jesus realiza uma série de revisões interpretativas sobre a Torá.

origem.

2. Por que Apócrifo de João?

Certamente uma posição de destaque no estudo do Gnosticismo é reservada ao *Livro Secreto de João*. O termo “apócrifo” como título da obra, para além de interpretações reducionistas tratando-o como “espúrio” ou “falso”, a princípio significava simplesmente isto: um segredo, algo encoberto. Por isso nossa decisão de optar por chamar livro secreto ao invés de apócrifo, procurando tanto evitar confusão de preconceitos quanto chamar a atenção para seu significado original. Especialmente no gnosticismo, tal termo denota um ensinamento secreto ou uma instrução privada nunca antes revelada. Trata-se também de um termo empregado por Paulo, exortando os Colossenses (2.13) “para que sejam confortados os seus corações, unidos no amor, e para que eles cheguem à riqueza da plenitude do entendimento e à compreensão do mistério de Deus Pai e de Cristo, no qual se acham escondidos (ἀπόκρυφοι) todos os tesouros da sabedoria (σοφίας) e do conhecimento (γνώσεως)!“. Ou seja, para o apóstolo, em Deus e em Cristo residem encobertos o verdadeiro conhecimento e a verdadeira sabedoria. Vale ainda indicar que em seguida a esse texto, Paulo considera espúrias ou falsas as “vãs filosofias” que escravizam e não tratam de algum mistério apócrifo. Finalmente, a apócrifa pertence a um gênero literário judaico que influenciou o cristianismo primitivo. As primeiras quatro linhas do *Livro Secreto de João* parecem explicar o próprio conceito do termo apócrifo:

The teaching [of the savior
and] the [revelation] of the mysteries
[which] are hidden in silence
[and which] he taught to John, [his] disciple.⁴⁵

Ora, as revelações secretas de Jesus ensinadas a João compreendem uma série de doutrinas religiosas fundamentais, com um objetivo muito claro: explicar ao discípulo as razões da existência humana – sua origem, situação e destino final. Em síntese, Jesus anuncia

⁴⁵ WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p. 13.

sobre a plenitude do reino divino transcendente, como decorreu a queda dessa perfeição originando o mal e a morte e, finalmente, a boa nova da salvação. No entanto, no forjar dessas doutrinas, empregaram-se um conjunto de ideias e vocabulários filosóficos.

3. Composição e Estruturas da Narrativa

O *Livro Secreto de João* é a mais famosa obra dos Setianos, grupo religioso daqueles que acreditavam serem raça eleita, descendentes de Sete, filho de Adão, os guardiões do verdadeiro conhecimento. Atualmente dispomos de quatro versões dessa história: uma no *Códice de Berlim*⁴⁶ e três nos Códices da *Biblioteca de Nag Hammadi*.⁴⁷ O *Códice de Berlim*, descoberto primeiramente em 1896 na província de Achmim foi somente publicado em 1955. Por outro lado, uma edição dos códices II, III e IV de Nag Hammadi, encontrados em 1945, foi traduzida apenas em 1963 em alemão. Conforme destacamos na apresentação, um indicativo da importância do *Livro Secreto de João* reside no fato de ser o livro de abertura desses três códices. Além do que, semelhante à maioria dos textos de Nag Hammadi, acredita-se que as quatro cópias consistem em traduções independentes para copta de dois exemplares gregos desconhecidos; isso devido à presença de uma considerável porção de palavras gregas não traduzidas. Evidentemente, os manuscritos não são idênticos, dividindo-se em duas categorias: duas versões longas (NHC II e NHC IV) e duas versões curtas (*Códice de Berlim* e NHC III). No entanto, embora as versões longas pouco diverjam entre si, pertencem muito provavelmente a um estágio posterior de redação. Talvez inspiradas nas versões menores, conservam adições específicas, tais como: uma exposição detalhada quanto à criação de Adão por muitos demônios diferentes e um poema sobre a Providência (*πρόνοια*) de Deus. Todavia, ainda que as quatro versões não concordem substancialmente na sua constituição, a mensagem proclamada não é comprometida por essas divergências. Finalmente, destacamos como influências principais Platão (*Timeu*, *Parmênides* e *A República*), Moisés (*Gênesis 1-8*), Aristóteles (*Metafísica*), Estoicismo, literatura sapiencial e o *Evangelho de João*.⁴⁸

46 Classificado como Papyrus Berolinensis 8502 (BG 8502).

47 Chamaremos de NHC daqui por diante.

48 Um exame mais aprofundado dessas influências será desenvolvido em um projeto futuro. Importa-nos, por hora, estudar o *Livro Secreto de João*.

Parecendo um evangelho canônico, pois também retrata uma boa nova de Jesus, sua autoria é creditada a João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu. No entanto, do início do texto até a aparição sobrenatural do Salvador, João é apenas um personagem de uma trama descrita do ponto de vista de um narrador impessoal. Posteriormente, o foco muda completamente, e ele próprio procede relatando em primeira pessoa tudo quanto acontece consigo. Ou seja, de uma narrativa biográfica, alterna-se para autobiográfica. Finalmente, quando a narrativa transforma-se de um monólogo para diálogo, Jesus é representado narrando em primeira pessoa e João converte-se em destinatário de sua mensagem. Essa variabilidade complexa em apresentar a mensagem sugere uma muito provável atuação de um redator que reuniu diferentes fontes. Além do mais, a existência de quatro versões do Livro Secreto de João distintas, aliada a um perceptível emprego de influências filosóficas e de sabedorias antigas, só intensifica a veracidade dessa hipótese.

4. Resumo da Narrativa

Inicialmente, pelo motivo de existir a interpretação de que o *Livro Secreto de João* seja uma continuação do *Evangelho de São João*,⁴⁹ introduziremos de modo geral alguns conceitos do Cristianismo presentes nos Evangelhos Canônicos. Decerto, *Evangelho de São João* nos conta a boa nova do mistério da vinda do filho de Deus ao mundo, a Palavra (*λόγος*) que se fez carne e habitou entre nós,⁵⁰ a luz verdadeira que ilumina a todo homem.⁵¹ Nesse sentido, divergindo claramente dos sinóticos *Mateus* e *Lucas*, o *Evangelho de São João* não inicia discorrendo sobre o humilde nascimento de Jesus, nem tão pouco naqueles textos o *λόγος* tem tamanho relevo. Todavia, semelhante a *Marcos*, a história do testemunho e batismo de Jesus por João Batista, reconhecendo-o como o “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”,⁵² é um dos temas do primeiro capítulo do *Evangelho de São João*. O ponto de partida é seu público ministério, prosseguindo até sua paixão, crucificação, funeral, ressurreição e posterior aparição aos discípulos. Finalmente, Jesus, depois de prenciar a

49 KING, Karen L. The Apocryphon of John: Part II of the Gospel of John? *Paper presented at the annual meeting of the Society of Biblical Literature*. Denver, CO. November, 2001.

50 *João* 1.14.

51 *João* 1.8.

52 *João* 1.29.

morte de Pedro no último capítulo do quarto evangelho, revela a esse que queria que João, o discípulo amado, permanecesse vivo até que ele retornasse.⁵³ Por essa razão, a expectativa de uma segunda vinda de Jesus se mostra evidente para a comunidade de fé e amor, na mesma glória de seu Pai em companhia de seus anjos, para retribuir a cada um segundo as suas obras⁵⁴ e ajuntar os escolhidos.⁵⁵ Contudo, num momento posterior à ressurreição, Jesus aparece três vezes antes de subir para o Pai,⁵⁶ prometendo preparar lugar para seus discípulos e depois retornar para não deixá-los órfãos.⁵⁷ Provando, assim, que venceu a morte e que seu retorno é somente uma questão de tempo.

Embora a narrativa do *Livro Secreto de João* pareça mesmo dar continuidade ao final do *Evangelho de São João*, confirmando a expectativa de que Jesus retornaria a encontrar João, sua manifestação, no texto apócrifo, não contempla os detalhes da esperança do evangelho. Pois Jesus manifesta-se a João mais uma vez como revelador, como um mensageiro dos Céus, não como juiz. Esse é o momento em que a narrativa do *Livro Secreto de João* principia, após a morte e ressurreição de Jesus, num momento que antecede a ascensão de Jesus a seu Pai. Este Jesus gnóstico nos conta de que maneira o Espírito (*πνεύμα*) Divino, personificado por sua Mãe Sofia, encarnou-se no mundo no evento da criação. Além do mais, por se tratar de um livro secreto, um ministério privado de Jesus não é novidade, já que Jesus ensinava a seus discípulos particularmente, falando abertamente e não segundo parábolas.⁵⁸

Assemelhando-se a outros textos gnósticos, como *Hipóstase dos Arcontes*, o *Livro Secreto de João* conserva os ensinamentos (*παράδοσις*) secretos do Salvador. Em linhas gerais, a mensagem secreta pode ser dividida em duas partes – um monólogo do salvador sobre teogonia e cosmogonia, seguido de um diálogo com João a respeito de antropogonia e soteriologia. Ou seja, o discurso de Jesus quanto a origem dos deuses e do cosmo, continuando com um diálogo sobre a criação e salvação do homem. No que segue de nosso trabalho, apresentaremos nos dois capítulos posteriores uma seleção dos principais temas do manuscrito segundo essa divisão, pois ela também observa a evolução cronológica dos eventos: inicia-se descrevendo a plenitude do reino divino seguindo de um problema, uma ruptura e, como resultado, as consequências capazes de tornar inteligível a situação do mundo

53 *João* 21.20.

54 *Mateus* 16.27.

55 *Marcos* 13.27.

56 *João* 20.17.

57 “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.” *João* 14.18.

58 *João* 16.29.

e da humanidade. Em conclusão, uma salvação é providenciada, proporcionando reparação de todo erro.

III. TEOGONIA E COSMOGONIA

"[What shall I tell you about It?] Its eternal real is incorruptible, at peace, dwelling in silence, at rest, before everything. It is the head of all realms, and it is the one who sustains them through its goodness." *Livro Secreto de João* (NHC II 4.10-15)

1. O Pai

Os ensinamentos do Salvador e revelação dos mistérios que estão escondidos em silêncio e o que foi ensinado a João, seu discípulo.

Ora, aconteceu que um dia, quando João, irmão de Tiago, filhos de Zebedeu, dirigia-se ao templo, um fariseu chamado Arimanios aproximou-se dele. E disse: "onde está o seu mestre, aquele que você seguia?". E disse a ele, "ele retornou ao lugar de onde veio." E o fariseu respondeu: "Esse nazareno o iludiu com enganos. [E encheu] seus ouvidos com mentiras e fechou [os seus corações]. Afastou você da tradição de seus pais."

Quando isso ouvi, afastei-me do templo em direção a uma montanha, para um lugar deserto. E lamentei profundamente em meu coração, dizendo:

Como fora o salvador escolhido?

Por que ele foi enviado ao mundo pelo seu pai?

Quem é seu pai?

E que tipo de [éon] iremos?

Ele nos disse que esse [éon] é do tipo incorruptível, mas não nos ensinou de que modo ele é⁵⁹.

Nesses termos principia o *Livro Secreto de João*, não com a descrição dos personagens mais importantes, Jesus ou João, nem muito menos com o diálogo entre João e o fariseu Arimanios. Antes, o ponto de partida é uma trágica emoção humana: a angústia. Nesse momento, o que aflige o discípulo João? O texto nos aponta alguns motivos. Deve-se notar

59 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.13-15, tradução nossa do inglês.

que João, prontamente, é capaz de defender sua fé perante Arimânios⁶⁰, respondendo sobre o destino de seu senhor de retornar para aquele que o enviou, conforme as escrituras.⁶¹ No entanto, sem êxito e não persuadindo o fariseu, João não responde a impetuosa réplica de seu interlocutor. Afasta-se, simplesmente. A princípio, João “dirigia-se ao templo“. Por que motivo? Buscava encontrar auxílio espiritual? Foi uma atitude desesperada, frente ao nada, daquele que perdeu a referência? Desejava retomar a comunhão entre os judeus? Não sabemos. Fiquemos somente com o manifesto. Apenas isto: João afasta-se. Também não sabemos se sua confissão de fé ainda fazia sentido. Mas essa ação de retirar-se do templo, para além de simbólica, muito nos diz, tanto quanto, o caracterizar Arimânios como distinto opositor de seu mestre, pois ambas atitudes apontam para um claro distanciamento da tradição judaica que será posteriormente apresentado na narrativa.

Inesperadamente, o sagrado manifestou-se no monte, mais precisamente, no deserto. Longe da instituição e dos doutores da lei. Dessa maneira, prenuncia claramente ao leitor que essa espiritualidade gnóstica afigura-se como uma religião em direta e distinta oposição ao Judaísmo e, talvez, esse confronto mais radical com a herança hebraica seja um dos principais motivos de embate entre Gnosticismo e Cristianismo. Todavia, não devemos apenas apontar essas oposições, como fizeram aqueles que primeiro constituíram o conceito de Gnosticismo, visto que é preciso reconhecer aquilo que os une. Com efeito, no evangelho canônico, Jesus também subia ao monte com seus discípulos⁶² e “já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a terra junto do deserto, para uma cidade chamada Efraim“. ⁶³

Por certo a ansiedade inquietava a João, lamentando-se profundamente em seu coração e a sós. Pois, no fundo, não sabia muito sobre seu salvador, assumindo a carência de substanciais instruções. Por isso pensava e questiona-se, perplexo, acerca das questões que o preocupavam fundamentalmente. Subitamente, eis que “os céus se abriram, toda criação abaixo dos céus se iluminou e o mundo estremeceu.“⁶⁴ E, a angústia se transforma em medo ao perceber a manifestação de seu Salvador, envolto em luz,⁶⁵ em três diferentes formas.⁶⁶

60 O nome do fariseu Arimânios lembra uma divindade maligna Ahriman, do Zoroastrismo.

61 *João 7.33, 13.3, 16.5,28.*

62 “E Jesus subiu ao monte, e assentou-se ali com os seus discípulos“. *João 6.3.*

63 *João 11:54.*

64 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.17, tradução nossa do inglês.

65 Jesus também aparece em resplandecente luz a Saulo de Tarso, a ponto de o cegar. *Atos 22.*

66 É necessário esclarecer que não surgiram três pessoas, mas Cristo aparentava três formas; primeiro como uma criança, depois como um idoso e finalmente como um escravo.

João, João, por que duvidas? Por que tens medo? Você não está familiarizado com esta semelhança? Não se amedronte. Eu estou com você sempre. Eu sou o Pai, Eu sou a Mãe, Eu sou o Filho. Eu sou incorruptível e sem mácula. Eu vim para ensinar a você o que é, o que era e o que há de vir, para que compreendas o que é invisível e visível; e ensinar a você sobre a raça inabalável do Homem perfeito. Agora, levante sua face para que ouças aquilo que direi a você hoje, para que as transmita a seus amigos espirituais, que participam da raça inabalável do Homem perfeito⁶⁷.

Em seguida, João pergunta se poderia entender isso e é ensinado, inicialmente, a respeito da comunidade celeste. A saber, o Pai, a Mãe, o Filho e o reino dos Céus. A respeito do Pai, o Salvador revela três modos de concebê-lo: quer por analogia; quer pela negação; quer pela eminência. Ou seja, não seguindo necessariamente essa ordem, o discurso nos apresenta qualidades positivas sobre o que é Deus; como também reúne atributos incapazes de defini-lo; e, afinal, manifesta que Deus é maior do que tudo quanto ouse determiná-lo. Em outras palavras, ele vai procurar desenvolver respostas as seguintes questões: o que é Deus? o que não é Deus? a que Deus é superior?

O que é Deus?

A primeira descrição a respeito de Deus no *Livro Secreto de João* é que Ele é Uno (mônada), deixando claro a primazia da unidade sobre a multiplicidade. Em seguida, aprendemos que é uma série de qualidades que se estimam em mais alto grau, a saber: uma Monarquia, um Pai, o Pai do Todo, pura luz e completo em luz, Invisível Espírito, eterno, absolutamente completo, puro, santo, perfeito, é o Ser em Si, majestoso, é um éon que concede éon, vida que concede vida, abençoado que concede bênçãos, conhecimento que concede conhecimento, bondade que concede bondade, misericórdia que concede misericórdia, e, finalmente, graça que concede graça.

O que não é Deus?

Outra maneira apresentada para “descrever“ a Deus é dizendo o que Ele não é, e podemos encontrar aqui traços do que posteriormente vai ser chamado de teologia negativa. Assim, segue que Deus não é corruptível, nem limitado (pois nada o precede para que o

⁶⁷ WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.16-19, tradução nossa do inglês.

limite), nem sondável (pois nada o precede para que o sonde), nem mensurável (pois nada o precede para que o mesure), nem visível (pois nada o viu), nem descritível (pois nada poderia compreendê-lo para exprimi-lo), nem possui um nome (pois nada o precede para que o nomeie), nem é luz mensurável, nem tem mácula, nem é corpóreo ou incorpóreo, nem é largo ou pequeno, nem é compreensível, nem o atribuíram tempo nem recebeu nada de alguém. Enfim, não é possível mensurar sua pureza.

A que Deus é superior?

Também não devemos imaginá-lo como um deus ou semelhante a um deus, pois é superior a um deus. Assim como é superior à perfeição, beatitude e divindade. E, como uma súpula, Deus é apontado superior a tudo o que existe.

Ao final do discurso sobre o Pai, uma incapacidade humana em compreender esses assuntos inefáveis é declarada, pois ninguém é capaz de saber a respeito do que é imensurável, exceto aquele que procede do Pai. Além disso, por mais que a revelação de Jesus seja clara, não mais falando por meio de parábolas, persiste ainda uma difícil assimilação,⁶⁸ também confirmada no *Livro de Tomé* (138), que nos diz: “Se para você o que é visível é obscuro, como poderá compreender o que é invisível?”

2. Sofia

Divergindo de mitologias dualistas nas quais no princípio existem dois deuses inimigos e equipotentes, a cosmogonia do *Livro Secreto de João* desenvolve-se segundo uma degeneração progressiva da divindade primeira, ou seja, tudo quanto procede do Pai, o princípio supremo ou Mônada, é inferior.

Desse modo, na monarquia Paterna, a divina mãe Sofia, também chamada Barbelo, é sua primeira emanção, o Uno se duplicando num claro entendimento de que a unidade é superior que a multiplicidade e divisão.⁶⁹ Mas como passou a existir? Enquanto o

68 “Primeiro eu falei com você por meio de parábolas e você não entendeu. Agora, estou falando abertamente e não compreendes.” *The Secret Book of James* 7.

69 KING, Karen L. *The Secret Book of John*. Harvard, 2008. p. 88.

Pai, na luz que o circundava, contemplava sua própria imagem na pura fonte de água viva, também chamada de fonte do Espírito (*πνεῦμα*), seu pensamento enamorado tornou-se algo, um ato criativo de meditação. O pensamento (*ἔννοια*) do Pai se verteu em realidade, a perfeita providência (*πρόνοια*) do Todo, irrompendo em resplandecente luz semelhante ao Pai, imagem do Invisível, imagem do espírito virginal⁷⁰, a Sofia. Por conseguinte, sua primeira atitude foi glorificar e louvar a seu progenitor, pois por meio dEle passou a existir. Assim, Sofia, por ser o primeiro poder que a tudo precedeu, tornou-se o ventre universal, solicitando ao Pai a concessão de Presciência, Incorruptibilidade, Vida Eterna e Verdade. Como resultado do consentimento paternal, tudo quanto solicitou passou a existir, de tal forma que, na medida em que nasciam, louvavam e glorificavam ao Pai celestial.

3. O Filho

Da união espiritual luminosa com o Pai, Sofia concebe e gera o Filho, uma centelha de luz (*σπινθήρ*) abençoada e o único rebento do Pai com Sofia. Primeiramente o Pai (também denominado Espírito (*πνεῦμα*) Invisível), regozijando-se da luz produzida, unge seu próprio Filho através de um ato de bondade para que ele se torne perfeito, a ele concedendo toda autoridade e verdade para que conheça o Todo. Todavia, é preciso destacar que essa unção do Pai nada mais é do que o derramamento do Espírito (*πνεῦμα*) divino sobre o Filho. Por esse motivo foi chamado Cristo (*χριστός*), o Filho ungido de Deus, de nome exaltado acima de todo nome e que será anunciado àqueles que forem dignos.

Em seguida, e de modo semelhante à atitude de Sofia, Cristo também glorifica ao santo Espírito e à Providência (*πρόνοια*), bem como realiza pedidos a seu Pai, clamando por um auxiliador. Dessa maneira surgiu o Intelecto (*νοῦς*), que, com o consentimento do Espírito, tudo quanto se fez até então passou a existir em silêncio. Entretanto, depois do gerar o Intelecto, ambos (Cristo e Intelecto) desejaram criar através da palavra, surgindo portando Vontade e Palavra (*λόγος*). Por isso o Cristo, agora chamado de divino Autogerado (*αυτογενής*), a tudo criou por meio da Palavra. Assim, todos quantos foram criados conjuntamente glorificaram a seus progenitores.

⁷⁰ De fato, o Pai não precisou de ninguém para gerar.

Ora, a narrativa da criação segundo o Gênesis utiliza a criação pelo *λόγος*⁷¹ como forma de descrever o extraordinário poder criativo de Javé. Interessante notar o modo como o *Livro Secreto de João*, que pretende revelar os mistérios que antecederam a criação do mundo, realiza até o momento um elogio do silêncio a despeito da palavra. Nesse sentido o supremo Deus gnóstico, inicialmente, para gerar, não precisa sequer falar. Contudo, outra questão ainda nos instiga: por que motivo o Filho, notadamente concebido e gerado pelo Pai e por Sofia foi chamado de Autogerado? Decerto, tão logo o termo é utilizado, o texto não explica especificamente esse ponto. Todavia, por ter recebido a unção do Espírito divino do Pai, bem como por Jesus ter revelado anteriormente a João que ele era o próprio Pai, a Mãe, o Filho, acreditamos que Cristo é chamado Autogerado porque esses dois eventos esclarecem acerca de sua natureza espiritual una com seus pais, formando assim a trindade primordial, uma mesma essência divina.

Finalmente, para além da discussão acerca da geração do Filho, consideremos a função que Cristo exerce como personagem na narrativa. Após aparecer sobrenaturalmente a João, Cristo assume o papel de mensageiro divino, comunicando a respeito dos mistérios do reino transcendente e ordenando que ele escreva acerca de tudo quanto foi revelado em um livro, comunicando secretamente esses conhecimentos a seus irmãos espirituais em seguida. Portanto, Jesus se manifesta como um mensageiro salvador; não porque morreu e ressuscitou, mas porque o seu discurso espiritual detém o poder de iluminar, transformar e salvar a alma do homem, libertando-o da prisão do cosmo e do corpo. Ele o mestre que veio para “ensinar sobre o que é, que era e que há de vir.”⁷²

4. A Queda de Sofia

Conforme introduzimos anteriormente, a mitologia do *Livro Secreto de João* envolve uma queda, uma cisão no estado de perfeição e plenitude celestial causada por Sofia. Mas de que maneira isso aconteceu e quais foram as consequências?

A resposta à primeira questão é bem clara no texto. Em realidade, Sofia desejava criar algo semelhante a si mesma, procedendo de maneira análoga à sua própria criação. Mas

71 “Deus disse: ‘haja luz’, e houve luz” *Gênesis 1.3*.

72 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p. 19, tradução nossa do inglês.

essa imitação do feito do Pai não prosseguiu conforme se esperava, pois a cópia de algo superior por um ser inferior não é capaz de atingir a qualidade original daquilo que o inspira. Sobretudo, o erro de Sofia foi conceber um pensamento de si mesma sem a participação de seu consorte. Desse modo, sua incorreção foi agir ignorantemente, sem a boa vontade (*ευδοκία*) e o conhecimento do divino Espírito Invisível. Decerto, seu feito foi um desfeito, incorrendo, desse modo, numa quebra da harmonia que existia até então. Pois, a princípio, toda geração envolveu a participação do Pai.

Como resultado, “um abismo levou a outro abismo”⁷³ e uma série de problemas decorreram. Em virtude de sua capacidade de promover a procriação, seu pensamento se efetivou e ela deu à luz. Todavia, o fruto dessa gestação foi um ser imperfeito (*ἀτέλειστον*), desprovido de qualquer semelhança com sua mãe, um ser deformado, monstruoso, que mudou de aparência para um corpo de cobra com a face de leão e olhos brilhantes como o fogo. Em seguida, percebendo o resultado desastroso realizado, decidiu esconder seu próprio filho apartando-o de si e de toda comunidade dos imortais, envolvendo-o em um trono ao centro de uma nuvem brilhante. Finalmente o chamou Ialdabaoth.

Assim, Sofia, também chamada Vida (*ζωή*), a mãe de todos, iniciou uma separação entre dois planos, de um erro seguiram-se outros, principiando o mal. Além disso, pela primeira vez o Espírito Invisível não foi glorificado nem a criação foi abençoada, e, sobretudo, mais uma infeliz consequência foi que Sofia perdeu grande porção de seu poder (*δύναμις*).

5. O Ignorante Ialdabaoth⁷⁴

Ialdabaoth, embora descenda do reino espiritual, se torna o criador e dominador do mundo e não preserva a natureza espiritual das divindades superiores. Antes, sua natureza é de outra ordem: psíquica. Ademais, seguindo o processo de degeneração progressiva da divindade mais elevada, essa nova etapa tem como característica uma mistura de opostos — luz e trevas, bem e mal. Uma mistura porque, como resultado de erro de Sofia, Ialdabaoth, o

⁷³ *Salmos 42.7.*

⁷⁴ Yaldabaoth também recebe dois outros nomes, Sakla e Samael. Em aramaico Yaldabaoth tanto provavelmente significa filho do caos ou filho de Sabaoth, Sakla significa tolo e Samael significa deus cego.

arconte⁷⁵ chefe (*πρωτάρχων*), não é de todo maligno, pois ainda conserva a capacidade de criação devido ao poder que roubou de sua mãe. Nem muito menos é de todo bom, pois a ignorância o acompanha.

Até então o mundo ainda não existia e agora Ialdabaoth começa a criar o cosmo. Para tanto, estabelece para si doze éons de fogo luminoso bem como doze arcontes para governar cada éon. Embora não tenha visto a plenitude do reino divino (*πλήρωμα*), o poder materno que nele havia o capacitou a criar de acordo com o modelo (*τύπος*) dos éons imperecíveis,⁷⁶ conforme o faculdade criativa de sua palavra. Segundo Karen King, não se trata aqui de uma imitação do Reino Divino, mas uma ignorante e maliciosa paródia. Dessa forma, gerou e destinou a sete anjos (*ἄγγελος*) o governo das sete esferas celestes⁷⁷ e outros cinco o domínio das profundezas do abismo. Em seguida, graças ao poder de fogo recebido de Ialdabaoth, cada um deles gerou sete poderes para si mesmos e cada poder criou para si outros anjos até completarem o total de 365.⁷⁸ Decerto, Ialdabaoth é superior aos arcontes porque não compartilhou com eles a luz de sua mãe, mas somente o seu poder ígneo.

Dentre suas qualidades negativas a principal delas é sua ignorância. Por isso, desconhecendo a procedência de seu poder, uma impiedosa e irreflexiva arrogância (*ἀπόνοια*) por sua capacidade criativa o levou a dizer: “Eu sou Deus ciumento e não há outro semelhante a mim”.⁷⁹ Não imaginando que, como consequência de sua ostentação sem fundamento, assim procedendo desafiou a todos quanto estavam acima dele, bem como sugeriu a existência de outro Deus. Com efeito, se ele fosse o único, por que motivo sentiria ciúmes?

75 Ora chamado *ἄρχων*, ora *ἀρχιγενέτωρ*.

76 KING, Karen L. *The Secret Book of John*. Harvard, 2008. p.91.

77 Provavelmente as sete esferas planetárias visíveis. A saber, Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Mais adiante, a eles é concedido o domínio do *κόσμος*.

78 Correspondendo aos dias no período de um ano. O manuscrito BG cita 360, provavelmente seguindo o calendário egípcio.

79 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.79.

IV. ANTROPOGONIA E SOTERIOLOGIA

"And I entered into the midst of their prison which is the prison of the body and I said, 'He who hears, let him get up from the deep sleep.'" *Livro Secreto de João* (NHC II 31.3-6)

1. O Arrependimento de Sofia

Conforme dissemos anteriormente, as consequências do erro de Sofia foram significativas, sobretudo rompendo a harmonia da Plenitude Divina e transferindo poder a seu filho Ialdabaoth. Ainda veremos mais sobre o desenrolar desse ato. Atenemos, por hora, para o fato de que no momento em que João começa a questionar seu Salvador, o revisionismo da tradição mosaica se evidencia mais claramente. Bem como, de mero ouvinte da revelação de Jesus, João agora assume o papel de interlocutor que pergunta:

"Lord, what (does it mean that) 'she moved to and fro'?"
 And (δέ) he smiled and said,
 "Do not think it is, as (κατά) Moses said,
 'above the waters'
 No, but (άλλα) when she had seen the wickedness
 and the rebellion (αποστασία) which had happened,
 and the theft which her son had committed,
 she repented (μετανοεῖν).

Portanto, o segundo versículo do *Gênesis* recebe uma nova interpretação — “não pense que é como Moisés disse“. Pois, o Espírito de Deus que agitava a superfície das águas é revelado como a contrição de Sofia frente às consequências de seu erro ao perceber que a luz que anteriormente irradiava diminuiu, escurecendo devido à desunião com o Pai. Por certo, o ponto alto dessa passagem é o arrependimento de Sofia. Contudo, antes de atentar-nos quanto

a isso, existe um outro ponto que acreditamos ser digno de consideração. Mais precisamente, referimo-nos ao evento da apostasia, claramente circunscrito no *Livro Secreto de João* num tempo anterior à própria criação da humanidade. Pois, divergindo dos escritos canônicos, ela nos é apresentada como uma expectativa futura e que precederia a volta de Jesus. Vejamos: “Não vos deixeis seduzir de modo algum por pessoa alguma; porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição”.⁸⁰ Todavia, embora esse seja um ponto de discordância do Cristianismo, o próprio apóstolo Paulo, que pregou aos gentios sobre Cristo, foi acusado de motivar a apostasia da herança hebraica. Observemos também este versículo: “Ora, foram informados, a teu respeito, que ensinas todos os judeus, que vivem no meio dos gentios, a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem mais seus filhos nem continuem a seguir suas tradições”.⁸¹ Certamente, essa passagem nos relata a existência daqueles que conceberam uma espiritualidade cristã em conflito com o judaísmo. Em síntese, queremos destacar o distinto evento de revisionismo da lei praticado por Jesus nos Evangelhos canônicos, principalmente suas críticas aos escribas e fariseus, os quais, no apego excessivo ao legalismo em suas interpretações da Torá, manifestavam tamanha hipocrisia que negavam a vida e o amor ao próximo. Acreditamos, assim, que é possível que esses eventos tenham resultado potencialmente com a helenização do Cristianismo praticado por Paulo, num afastamento gradual e cada vez mais intenso entre a fé cristã e a religião dos judeus.⁸² Sem contar que, graças aos judeus, Jesus foi levado ao madeiro.⁸³

Por enquanto, retornemos, pois importa-nos, neste capítulo, destacar o principal; a saber, o profundo arrependimento de Sofia que derramou muitas lágrimas ao perceber a ostentação iludida de seu filho Ialdabaoth. Envergonhada, Sofia agita-se (*ἐπιφέρεσθαι*), reconhecendo que o aborto⁸⁴ de escuridão produzido não era perfeito, como consequência de seu erro ao proceder sem a consideração de seu companheiro, desejando procriar sozinha em ignorância. Em virtude disso, no momento em que seu lamento sincero e contrito foi ouvido, a providência (*πρόνοια*) do Espírito Invisível a socorre, derramando parte da Plenitude do Todo (*πλήρωμα*) sobre Sofia, corrigindo assim boa parte de sua deficiência e capacitando a recuperar o grande poder espiritual que foi perdido. Com efeito, o texto nos adverte que o Pai

80 2 *Tessalonicenses* 2.3.

81 *Atos* 21.21.

82 Possivelmente, da mesma forma que o ceticismo foi a filosofia de Sócrates levada às últimas consequências, algo semelhante pode ter acontecido com o Gnosticismo.

83 *Atos* 5.30.

84 De modo semelhante, os seguintes livros da *Biblioteca de Nag Hammadi* retratam o filho de Sofia como resultado de um aborto: *The Nature of the Rulers* e *On the Origin of the World*.

não foi a seu encontro, mas proporcionou que sua bênção chegasse até ela. Decerto, a queda de Sofia provocou uma grande separação, afastando-a do reino do Pai até que a completa reparação de seu erro seja estabelecida. Todavia e felizmente, a ignorância, o aborto e o abandono contrastam radicalmente com a misericordiosa providência divina.

2. A Criação do Homem

Chegamos ao ponto do enredo onde Jesus dialoga com João sobre a origem da humanidade, revelando-a como o campo de batalha entre dois reinos espirituais que se antagonizam. Entretanto, para além de demarcar o fundamental do problema, a saber, a derradeira consequência da queda de Sofia, a criação do homem não deixa de ser ao mesmo tempo um ponto de retorno, o modo providencial pelo qual o Espírito Invisível proporcionou a salvação. Divergindo do Cristianismo tradicional, o gnosticismo do *Livro Secreto de João* não apresenta uma salvação focada no homem, embora não deixe de ser também num certo sentido redenção de sua alma, já que, sobretudo, a personagem principal na história da redenção é Sofia. É a ela que a salvação se destina, por meio da humanidade. Trata-se, portanto, de uma vigorosa reescrita do *Gênesis* onde nos é demonstrado que a criação não foi tão primorosa nem responsável é o homem por sua queda.

Surpreendentemente, uma voz exclama do alto céu, dizendo: “O Homem existe e o Filho do Homem”.⁸⁵ Sabemos que muitos manuscritos antigos não eram acentuados, por esse motivo o ambíguo termo grego original $\phi\omega\varsigma$ tanto pode significar luz ($\phi\omega\tilde{\iota}\varsigma$) quanto homem ($\phi\acute{o}\varsigma$), dependendo da configuração da vogal. Ademais, uma vez que toda tradução não deixa de ser também uma interpretação, o escrito gnóstico concebe que não foi Javé quem criou através do $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma$ a luz. Pois, sobretudo, manifesta o próprio Cristo como autor dos dizeres que revelam aos arcontes a resplandecente imagem humana. Desse modo, iluminou a “tenebrosa ignorância de Ialdabaoth”,⁸⁶ abalou o reino do semideus criador do mundo e sacudiu o abismo. Com efeito, a narrativa gnóstica subverte drasticamente o escrito mosaico, indicando a origem e precedência da luz em relação às trevas. Nesse instante, Ialdabaoth e os arcontes viram a forma humana na parte inferior das águas que circundam o cosmo.

85 Essa frase contrasta diretamente com *Gênesis 1.3*: “Deus disse: ‘haja luz’, e houve luz”.

86 KING, Karen L. *The Secret Revelation of John*. Harvard, 2008. p. 98.

Com o objetivo de capturar o poder da luz admirada,⁸⁷ o primeiro homem foi criado e chamado Adão: segundo a imagem refletida do Deus transcendente e semelhança dos próprios arcontes⁸⁸. Embora o texto não nos revele, notamos nesse trecho do texto um ponto de contato com o processo de criação de Sofia pelo Pai, pois, de modo equivalente, ambos se desenvolveram mirando imagens nas águas. Para tanto, os sete arcontes criaram um corpo psíquico (*ψυχική*), a saber: ossos, tendões, carne, medula óssea, sangue, pele e cabelo. Em seguida, foi concedido às legiões de anjos a tarefa de criar um corpo material. Nesse processo, cada anjo ficou responsável pela formação de uma porção do corpo. Posteriormente, o texto nos afirma que quatro demônios (*δαίμων*) dominam sobre a matéria, determinando sobre prazer, desejo, dor e medo, além de promover tanto a virtude quanto vícios. Dessa maneira foram formados, membro a membro, a parte psíquica (*ψυχικόν*) e a parte do corpo (*σώμα*) material (*ύλικόν*) humanos, pelos arcontes e seus 365 anjos e demônios. Porém, o resultado de todo esse trabalho conjunto foi desastroso, pois o ser criado, neste primeiro momento, não se movia.

Por conseguinte, em virtude do sincero arrependimento de Sofia, ela ora ao Pai misericordioso intercedendo pela plena restauração de seu poder que foi transmitido a Ialdabaoth. Ao passo que o Pai, como resposta, enviou mensageiros até o mundo inferior de Ialdabaoth e seus anjos, instruindo-os a soprar o Espírito (*πνεύμα*) na face de Adão para que o corpo se levante. Desse modo, o ignorante chefe dos arcontes foi ludibriado, e, como consequência, o Espírito de sua mãe Sofia foi transferido para Adão, que passou a se movimentar. Com isso, todos os arcontes e anjos ficaram repletos de ciúmes e tramaram contra Adão. A despeito disso, o Pai se compadeceu dele e enviou uma auxiliadora para ensiná-lo sobre a queda e a ascensão, mas de modo que ficasse escondida dentro dele para que os dominadores do Mundo não a vissem. Notemos aqui a relevância da instrução de uma verdade que se encontra dentro do ser humano. De nome vida (*ζωή*), também chamada reflexão (*ἐπίνοια*) luminosa, é ela quem restaura a perfeição de Adão e terá um papel fundamental na restituição do poder de Sofia.⁸⁹ É importante tomar nota, nesse momento, sobre o modo como o conceito de vida está intimamente ligado a uma reflexão que, como veremos, produzirá conhecimento (*gnosis*) verdadeiro.

Como resposta a essa humilhação e testemunho de grande ignorância, os arcontes

87 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p. 87.

88 Divergindo novamente do *Gênesis*, o homem não foi criado segundo imagem e semelhança de Javé.

89 “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.” *João 1.4*.

e anjos resolveram contra-atacar. Com o objetivo de aprisionar Adão provocando o esquecimento de sua procedência divina, reuniram fogo, terra, água e a combinação dos quatro impetuosos ventos, forjando novamente o corpo humano e o tornando mortal. Decerto, notemos que essa reinterpretação da narrativa da criação é tão depreciativa em relação à constituição física humana a ponto de a descrever como caverna (*σπήλαιον*)⁹⁰ da forma (*ἀνάπλασις*) do corpo (*σώμα*).

Em seguida, com um objetivo tenebroso, somente então os arcontes conduzem o homem ao paraíso. Talvez nesse momento a narrativa gnóstica manifeste uma releitura pessimista do Gênesis mais claramente, utilizando palavras que revelam um inesperado alerta: “não foi como Moisés escreveu”.⁹¹ Se, por um lado, segundo a tradicional interpretação mosaica, o paraíso é descrito como um lugar de harmonia e perfeição, no *Livro Secreto de João* ele existe para enganar o homem. Nesse sentido, a árvore da vida se apresenta, inversamente, como árvore da morte, repleta de frutos que envenenam. Por outro lado, a árvore do conhecimento é elogiada por Jesus quando este revela a João que foi ele próprio, sob a forma de uma águia (e não a serpente), que ensinou Adão e Eva a comer de seu fruto.⁹² Dessa forma, a desobediência de Adão ao deus criador do mundo se manifesta especialmente como uma obediência a Cristo.

Ora, até este momento do relato do *Livro Secreto de João*, Adão estava sozinho. Mais adiante, com o objetivo de reconquistar a reflexão (*ἐπίνοια*) luminosa que foi transferida para Adão com um sopro de Vida, Ialdabaoth provoca em Adão não um sono profundo como Moisés escreveu, mas uma perda dos sentidos: “para que não entenda e não veja”.⁹³ Curiosamente, o *Livro Secreto de João* faz uso da autoridade do profeta Isaías para providenciar uma correta interpretação do primeiro livro da bíblia. Dessa maneira, buscando imitar a imagem divina que passou a habitar em Adão, Ialdabaoth formou a figura feminina de Eva de parte de Adão. Todavia, seu projeto falhou porque a luz divina não é apreensível para a escuridão.

Logo depois, no momento em que Adão vê a mulher a seu lado, seu entendimento é esclarecido pela reflexão luminosa que nela habitava. Nesse instante ele recupera a

90 O mesmo termo utilizado no mito da caverna de Platão, onde o homem se encontra aprisionado em escuridão, ignorância e aparências, longe da verdade.

91 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.129, tradução nossa do inglês.

92 Jesus sorri e diz que a serpente ensinou Adão e Eva a provarem do desejo sexual. WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.127.

93 *Isaías 6.10*. Esse versículo também é citado no *Evangelho de João 12.40* para descrever a incredulidade dos judeus frente aos sinais de Jesus.

sobriedade e desperta do sono profundo que o conservava na embriaguez tenebrosa. Mal sabia Ialdabaoth que, mais uma vez, sua ignorância estava no fundo servindo ao sagrado plano restaurador do poder de Sofia que ele roubou — a mãe dos viventes, que veio ao mundo por meio de seu Espírito segundo um sagrado plano, para iluminar os homens, produzir a Vida e o perfeito conhecimento.

Tal como no *Gênesis*, Adão e Eva são posteriormente expulsos do “paraíso” e a Terra é amaldiçoada. Mas divergindo completamente do escrito canônico, os primeiros filhos de Eva, Caim e Abel, não são fruto da união com Adão, mas da violação de Eva por parte do ignorante Ialdabaoth no instante em que ela se preparava para seu marido. Em contrapartida, a verdadeira descendência de Adão é Sete, criado à semelhança do reino divino. Como retaliação, Ialdabaoth obriga todos a beber da água da ignorância para esquecer que procedem do reino espiritual. Contudo, essa infeliz maldição pode ser quebrada graças ao Espírito Divino que desperta o homem do estado servil em que foi cativado e providencia a libertação da caverna do corpo material, curando e corrigindo toda a deficiência.

Vale reforçar que o homem foi finalmente constituído por três partes, a saber: psíquica (alma), corpo material e espiritual. Nesse sentido, conforme o gnosticismo apresentado no *Livro Secreto de João*, nos encontramos aprisionados em densas trevas pela matéria que produz ignorância e perturbação, impedindo o homem de conceber que, dentro dele mesmo, existe um elemento espiritual divino que produz vida e o verdadeiro conhecimento.

3. A Salvação

O *Livro Secreto de João* pretende oferecer soluções para perguntas que não ficaram muito esclarecidas para o Cristianismo primitivo. Em resumo, as questões que inquietavam a João são: (1) por que Jesus veio ao mundo? (2) Quem é seu Pai? (3) Para onde iremos? Em resposta, o Salvador diz que ele “veio para ensinar sobre o que é, o que era e o que há de vir”⁹⁴, além de comissionar seu discípulo a anunciar essas verdades a seus irmãos espirituais pertencentes à geração inabalável.⁹⁵ Pois, somente o conhecimento do mistério a

94 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.19, tradução nossa do inglês.

95 Os seres humanos, descendentes de Sete, iluminados pelo conhecimento (*gnosis*) salvífico são chamados de

respeito de onde viemos é capaz de “despertar o homem do esquecimento e perversidade da caverna do corpo material”⁹⁶ e capacitar para a salvação. Quanto ao Pai, por mais prolixo que seja o discurso relativo ao que Ele é, o que não é ou, afinal, sobre aquilo a que ele é superior, a mensagem que é efetivamente revelada descreve muito claramente a respeito de quem ele não é: a saber, o mesmo deus dos judeus que criou o mundo. Finalmente, consideremos a questão acerca do destino humano.

Com efeito, a primeira questão que se destaca concernente à salvação do homem é que ela se revela como a redenção de sua alma, receptáculo da partícula espiritual divina, provinda diretamente de Sofia. Portanto, temas como a ressurreição do corpo material ou, então, do desvencilhamento da partícula espiritual da psíquica não compartilham da expectativa da narrativa do *Livro Secreto de João*. De modo semelhante, outros textos da *Biblioteca de Nag Hammadi* sustentam certo desprezo pelo corpo material. Na *Revelação de Pedro (81,7-14)*, por exemplo, percebemos um Jesus Vivo que sorri próximo à cruz acerca da ignorância daqueles que pensam que o crucificaram, enquanto na realidade sacrificaram apenas seu corpo material. Um riso que tanto reforça uma aversão ao corpo material como também a ignorância daqueles que pensaram que o mortificaram. De modo semelhante, afirmamos que segundo o *Evangelho de Judas (56)*, o controvertido discípulo assume a terrível missão de entregar (sacrificar) o homem carnal que revestia Jesus às autoridades, momentos depois que o Jesus espiritual ascendeu para o reino superior. Em ambos os casos atentaram contra um mero invólucro. Portanto, assim como no *Alcibiades* de Platão, para essas comunidades gnósticas “se o homem é alguma coisa, ele não é nada mais do que a sua alma”. (*Alcibiades 130c*)

Retornemos, pois, ao nosso texto. Se no homem os dois reinos espirituais se antagonizam, um reino de luz contra um reino de trevas, mais precisamente a alma se revela como a arena onde esse embate acontece. Ademais, é curioso notar que, no diálogo entre Jesus e João, sete dentre as dez perguntas realizadas pelo discípulo envolvem a alma humana, revelando assim a relevância da questão. Além disso, dificilmente outras afirmações manifestem tamanha repulsa quanto ao corpo, invólucro da alma, como considerá-lo uma caverna (*σπήλαιον*)⁹⁷ e uma prisão.⁹⁸ Como resultado, impossível não se questionar: como me

geração inabalável.

96 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.142, tradução nossa do inglês.

97 Ibidem, p.123.

98 Ibidem, p.155 e p.169.

libertar? para onde serei conduzido? Relativamente ao “como“, já respondemos,⁹⁹ ao passo que em relação ao “para onde“, isso depende de certos fatores que veremos em seguida.

A alma humana é revelada como o campo de batalha entre dois espíritos — o Espírito da Vida e o falso espírito. Por um lado, o Espírito da Vida concede a vida, sem a qual ninguém pode se levantar,¹⁰⁰ fortalece a alma e a capacita para boas ações que por fim promovem a salvação e vida eterna. Por outro lado, o falso espírito, criado por Ialdabaoth e os arcontes, engana e desencaminha o homem, empregando um pesado fardo à alma que a impede de ascender. Embora essa mitologia gnóstica não apresente um duelo explícito entre as duas divindades (o que comprometeria a absoluta transcendência do Deus Pai), “os eventos sucessivos da criação e da história mais antiga da humanidade se apresentam como os efeitos de ações e reações realizadas alternadamente por esses poderes.”¹⁰¹

Quando João pergunta a seu mestre sobre o destino da alma após deixar o corpo, Jesus sorri e responde que se alma tiver mais poder do que o espírito desprezível ela escapará do mal, será salva e encontrará descanso através da intervenção divina. Portanto, aqueles que tiverem sua alma fortalecida pelo Espírito serão aperfeiçoados para suportar a todos infortúnios da vida, como também serão libertados da ansiedade, ira, ciúme, inveja, desejo e ganância. Caso contrário, o espírito desprezível empregará um fardo pesado sobre a alma, conduzindo-a a más ações e ao esquecimento. Como consequência, após a alma deixar o corpo, ela será levada aos arcontes que a acorrentarão e a jogarão novamente na prisão do corpo, de tal forma que ela será dominada até o momento em que desperte do esquecimento e adquira o verdadeiro conhecimento. Quanto àqueles que ouviram o conhecimento e o rejeitaram, esses serão levados a um lugar aonde os anjos de miséria vão, onde não há arrependimento, permanecendo nesse lugar até o dia em que aqueles que blasfemaram contra o Espírito serão torturados e punidos eternamente.

Depois da pergunta de João quanto a origem do espírito desprezível, dois são os relatos sobre a origem da escravidão espiritual imposta por ele — uma resposta de Jesus a respeito da origem do destino (*εἰμαρμένη*) e outra relatando a profanação das filhas dos homens pelos filhos de deus (anjos). Ambos resultam de um intercurso sexual impróprio¹⁰² e registram a ambição de Ialdabaoth de escravizar a humanidade com a disseminação do falso

99 Vida, também chamada reflexão luminosa, ensina ao homem sobre a queda e a ascensão.

100 De fato, o corpo criado pelos arcontes, anjos e demônios não se movia.

101 LUTTIKHUIZEN, Gerard P. *Gnostic Revisions of Genesis Stories And Early Jesus Traditions*. Brill, 2006. p. 44, tradução nossa do inglês.

102 Assim como a queda de Sofia, são frutos de violações da fidelidade conjugal.

espírito. Por consequência, recordando o ato de contaminação de Eva que gerou seus filhos bastardos, tais eventos podem reforçar a ideia de oposição entre união sexual e espiritualidade; induzindo-nos a concluir que a hipótese de um profundo desprezo quanto à sexualidade e procriação contribuíram, provavelmente, para o desaparecimento das comunidades gnósticas, na medida mesma em que os adeptos destas comunidades não se reproduziriam. Todavia, a união matrimonial legítima entre Adão e Eva desperta a mente de Adão para o perfeito conhecimento (*gnosis*) e concorre para a retificação da deficiência de Sofia. Esse é o momento em que ele reconhece sua contraparte e se tornam uma só carne. Ainda sobre essa questão, interessante destacar o que o livro *Exegesis on the Soul*¹⁰³ descreve a respeito do casamento da carne em oposição ao casamento da alma. Enquanto no primeiro os parceiros encaram o desejo sexual como um fardo desagradável, virando o rosto após o ato, o segundo é completamente diferente, pois quando se encontram eles se tornam uma só vida. Por tudo isso podemos deduzir que, desde a queda de Sofia, concepções impróprias produzem trevas e o afastamento do Deus verdadeiro.¹⁰⁴

Afinal, quais as consequências da influência do espírito desprezível sobre a alma humana? Ora, quando o chefe dos Arcontes percebeu que os homens o superavam em sabedoria, arquitetou um plano para sequestrar seus pensamentos. Desse modo reuniu os arcontes e juntos cometeram adultério com Sofia, gerando assim o amargo destino (*εἰμαρμένη*), o último dos grilhões mutáveis. Inesperadamente, o destino se mostrou mais severo e mais forte que os próprios deuses, anjos, demônios e homens, subjugando a todos por meio do tempo (*χρόνος*) e do momento oportuno (*καιρός*). Por meio do destino sobrevieram toda a iniquidade, injustiça, blasfêmia, algemas do esquecimento, ignorância e toda ordem severa que resulta em graves pecados e grandes temores. Desse modo cegaram toda a humanidade para que ela não conheça o Deus que está acima de tudo. Em acréscimo e discordando veementemente de generalizações empregadas por Hans Jonas para definir o conceito de Gnosticismo, Nicola Denzey Lewis diz o seguinte, especificamente a respeito da questão do destino no *Livro Secreto de João*:

‘enslavement to fate’ meant that individuals were inspired by the power of the counterfeit spirit; that influence, however, could be emptied out of them and replaced with the salvific power of *Prónoia*. [...] Salvation, not enslavement,

103 Sexto livro do segundo códice da *Biblioteca de Nag Hammadi*.

104 MEYER, Marvin. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009. p. 230.

remained the central concern of these Christian authors. If heimarmene exists, our texts provide the antidote.¹⁰⁵

Finalmente, Ialdabaoth se arrepende de tudo que fez e planeja dizimar a humanidade por meio do dilúvio. Quanto a isso, novamente, não foi como Moisés disse: “esconderam numa arca“ (*Gênesis 7.7*) já que Noé e muitos outros da geração inabalável (descendentes de Sete) foram protegidos numa nuvem brilhante enquanto toda a terra se encobriu de trevas. Em seguida Ialdabaoth tramou com os arcontes um modo de profanar a alma humana com um espírito similar ao Espírito de Vida insuflado em Adão; criando, dessa maneira, o espírito desprezível que provém do mal, também chamado de espírito das trevas. Como resultado enviou seus anjos para procriarem com as filhas dos homens, produzindo assim filhos com espírito inferior e cativando as suas mentes.

Trazendo presentes como ouro, prata, cobre, ferro, metal e toda sorte de coisas, trouxeram grande ansiedade para aqueles que o seguiram, desviando-os com muitas decepções. Essas pessoas envelheceram sem experimentar prazer e morreram sem encontrar a verdade ou conhecendo o Deus da verdade. Desse modo, toda criação foi aprisionada para sempre, desde o princípio do mundo até o tempo presente.¹⁰⁶

Deste modo, esclarecemos aqui o que se diz no *Livro Secreto de João* sobre Antropologia e Soteriologia. Ou seja, graças ao arrependimento de Sofia, uma reparação de seu erro foi providenciada pela misericórdia e bondade do Deus transcendente. Para tanto, em Adão, pai da humanidade e personagem fundamental no processo de restauração da harmonia divina, subsiste a mesma ambiguidade do drama cósmico, pois foi constituído por elementos mistos, provindos tanto de Ialdabaoth e seus Arcontes, quanto do Pai e de Sophia. Dos primeiros, recebe a alma, o corpo material e um falso espírito; dos segundos, o verdadeiro conhecimento salvífico e o Espírito de vida que deve escapar de todas as cadeias que o aprisionam para enfim retornar a sua origem: a plenitude do reino de luz. Particularmente, para sua plena salvação, o homem tem então que combater sua própria ansiedade quanto ao transitório, resistindo e suportando a vida, não mais acreditando na carne. Se, de fato, a condição humana de alienação é revelada através do conhecimento dos mistérios de Deus, por outro lado um exercício constante de desapego dos enganos deste mundo é condição

105 LEWIS, Nicola Denzey. *Cosmology and Fate in Gnosticism and Graeco-Roman Antiquity: Under Pitiless Skies*. Brill, 2013. p. 100-101.

106 WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John*. Brill, 1995. p.167-169.

indispensável para fortalecer a alma. Assim procedendo, será capaz de vencer o destino, a último ardil criado por Ialdabaoth e seus Arcontes, escapando do corpo mortal e recendo a vida eterna. O *Livro Secreto de João*, portanto, para além de uma narrativa acerca do desprezo do corpo e do mundo, em sua linguagem mitológica, anuncia uma solução para a alienação existencial, promovendo a união do homem com seu verdadeiro ser espiritual, promovendo a vitória sobre as forças malignas que dominam o cosmo.

V. CONCLUSÃO

“Arise and remember that it is you who hearkened, and follow your root, which is I, the merciful One“ *Livro Secreto de João (NHC II 31.9-12)*

O *Livro Secreto de João* compreende o discurso revelador do Cristo ressurreto que retorna em glória para socorrer seu angustiado apóstolo João. Nesse mesmo encontro sobrenatural João aprende sobre: a função do salvador; a natureza do Deus transcendente; a comunidade divina; como a criação do cosmo veio à existência; a origem, natureza e os nomes das semideuses (arcontes, anjos e demônios) que controlam este mundo; a relação entre o Deus transcendente e a humanidade; a razão dos infortúnios da vida, e também, ao longo de tudo isso, a atividade salvífica da providência divina.

João, ao se questionar, confessa o desejo de conhecer sobre o Deus que enviou seu mestre. Em virtude disso, boa parte do manuscrito compreende as declarações de Cristo a respeito do Pai que o enviou. Em síntese, ele é o Deus absolutamente transcendente, o Espírito Invisível, o Deus além de deus, cuja linguagem não consegue sequer descrever. Enfim, os gnósticos são, ao mesmo tempo, aqueles que sabem que não sabem acerca do verdadeiro Deus desconhecido e também, por outro lado, são aqueles que sabem muito bem quem Deus não é: o demiurgo criador do mundo. O verdadeiro Deus gnóstico é o Deus que, contemplando a si mesmo na fonte do Espírito, vê pensamento se tornar algo: Sofia, o primeiro pensamento do Pai, a personificação da providência divina e ventre universal que gerou a tudo quanto passou a existir.

As duas narrativas cosmológicas, quer a do *Gênesis* ou a do *Livro Secreto de João*, aparentam constatar e concordar com a situação de imperfeição do mundo. De maneira similar, um estado primordial de harmonia e plenitude divina foi interrompido. Por esse motivo, ambas preservam um objetivo muito claro — explicar a origem do mal no mundo. Para tanto, percebemos claramente como as duas respostas a esse problema, recordadas neste estudo, divergem drasticamente entre si. Se, por um lado, o relato mosaico atribui a completa responsabilidade por esse desastre ao homem devido à sua desobediência ao comer do fruto

proibido; por outro, no texto apócrifo, a queda é consequência de um deslize da própria sabedoria de Deus (Sofia) ao intentar conceber um pensamento por si mesma, independente da comunhão com Deus. Certamente parece um escândalo, para os autores do *Livro Secreto de João*, a descrição acerca de um deus orgulhoso, que se arrepende e se vinga de sua própria criação. Por tudo isso, a mitologia gnóstica nos leva a crer ser, eventualmente, uma tentativa de responder à violenta crítica de Lucrécio: “houvesse Deus criado o mundo, ele não seria um mundo tão frágil e defeituoso como o vemos.”¹⁰⁷ Com esse intento, a reescrita da narrativa do Gênesis se transforma no “segundo ato do drama cósmico, não o primeiro”.¹⁰⁸ Desse modo, os gnósticos são aqueles que não carregam uma culpa do tamanho do mundo, pois tanto o homem quanto o Deus transcendente não têm qualquer responsabilidade sobre a miséria no mundo.

Por um lado, indubitavelmente, a concepção de homem segundo a espiritualidade gnóstica proposta no *Livro Secreto de João* deprecia sobremaneira o corpo humano. Posto que ele aprisiona, atormenta com violentas paixões e provoca a ignorância quando o homem não conhece (*gnosis*) a sua procedência divina e o verdadeiro Deus transcendente. Todavia, “a criação da humanidade não é concebida apenas como um projeto demoníaco”,¹⁰⁹ já que os seres humanos são dominados pelo corpo material e suas paixões apenas na medida em que permanecem ignorantes de sua verdadeira natureza espiritual. Ainda assim, uma questão permanece incógnita para nós. Por que motivo a alma humana, criada com a mesma substância dos deuses inferiores mas aperfeiçoada através do dom do Espírito, tem como destino final o mundo espiritual superior? Possivelmente, abandonar o conceito de corpo e alma resultaria numa completa despersonalização do ser humano, pulverizando tudo quanto se pode falar dele. Nessa perspectiva e concordando com a filosofia platônica, para o gnóstico o homem é a sua alma.

Com relação à doutrina da salvação, observemos que o provar do perfeito conhecimento que desperta a mente de Adão é também capaz de apaziguar a angústia que consumia o discípulo João. Recordemos, também, que o objetivo dessas revelações misteriosas é a completa restauração da própria sabedoria (Sofia) divina. Em última análise, a salvação da alma do homem tem a função principal de contribuir para que esse propósito seja efetivado. Para tanto, a Providência divina intervém no curso da história, instruindo a

107 Lucrécio, *De rerum natura*, 5.198–199.

108 LOGAN, Alastair H. B. *Gnosticism*. In. ESLER, Philip Francis. *The Earlier Christian World*. Routledge, 2002. p. 920, tradução nossa do inglês.

109 ARMSTRONG apud KING, Karen L. *The Secret Book of John*. Harvard, 2008. p. 123.

humanidade com revelações espirituais. Com isso, o verdadeiro conhecimento, que não deixa de ser uma recordação de um estado de perfeição anterior, é capaz de despertar o homem do sono profundo, livrando-o da ignorância, das preocupações quanto às futilidades da vida e das amarras do destino que não deveriam mais perturbar. Finalmente, a evolução de sua alma é responsável por providenciar, desse modo, sua ascensão.

Certamente, o *Livro Secreto de João* é uma importante obra literária por agregar valorosas tradições filosóficas para a formulação de sua mensagem, desenvolver assuntos de preocupação existencial e também por revelar a cosmovisão e espiritualidade de uma época.¹¹⁰ Portanto, a produção deste presente estudo se faz necessária para um aprofundamento numa pesquisa posterior sobre as relações e as influências que o constituem; em especial a filosofia platônica, do helenismo e também seus vínculos com o Cristianismo tradicional. Com efeito, acreditamos que o exame específico dessas fontes nos auxiliarão a uma melhor interpretação do texto gnóstico. Deste modo, podemos dizer que o presente estudo se faz uma introdução a um estudo mais aprofundado das relações que o *Livro Secreto de João* têm com as filosofias antigas e as escolas helenísticas de sua época.

¹¹⁰ Recordemos os indícios de sua popularidade: (1) atualmente dispomos de quatro manuscritos do *Livro Secreto de João* encontrados em duas descobertas arqueológicas distintas; (2) é o livro de abertura de três códices; (3) Irineu sumariza um texto similar.

BIBLIOGRAFIA

- BULTMANN, R. *Primitive Christianity*. Thames and Hudson, 1956.
- COX, Ronald. *By the Same Word: Creation and Salvation in Hellenistic Judaism and Early Christianity*. Walter De Gruyter, 2007.
- EHRMAN, Bart D. *Lost Christianities: The Battles for Scripture and the Faiths We Never Knew*. Oxford, 2003.
- GATHERCOLE, S. *The Gospel of Judas: Rewriting Early Christianity*. Oxford, 2007.
- JONAS, Hans. *The Gnostic Religion*. Beacon Press, 1963.
- KASSER, R., MEYER, M. e WURST, G. *The Gospel of Judas*. National Geographic, 2006.
- KING, Karen L. *The Secret Revelation of John*. Harvard, 2008.
- KRAUSE, M. *Gnosis and Gnosticism: Papers read at the Eighth International Conference on Patristic Studies*. Brill, 1981.
- LAYTON, B. *The Rediscovery of Gnosticism*. Brill, 1981.
- LEWIS, Nicola Denzey. *Cosmology and Fate in Gnosticism and Graeco-Roman Antiquity. Under Pitiless Skies*. Brill, 2013.
- LIM, Timothy H. *The Dead Sea Scrolls: A Very Short Introduction*. Oxford University Press, 2006.
- LUTTIKHUIZEN, Gerard P. *Gnostic Revisions of Genesis Stories And Early Jesus Traditions*. Brill, 2006.
- MALACHI, Tau. *Living Gnosis: A Practical Guide to Gnostic Christianity*. Llewellyn Publications, 2005.
- MEYER, M. *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Updated Translation of Sacred Gnostic Texts Complete in One Volume*. HarperOne, 2009.
- MEYER, M, BARNSTONE, W. *The Gnostic Bible*. Shambhala, 2003.
- PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Vintage, 1989.
- PEARSON, Birger A. *The Roots of Egyptian Christianity*. Fortress Pr, 1997.
- PLESE, Zlatko. *Poetics of the Gnostic Universe: Narrative And Cosmology in the Apocryphon of John*. Brill, 2006.
- ROBINSON, James M. *The Secrets Of Judas: The Story of the Misunderstood Disciple and His Lost Gospel*. HarperCollins, 2006.
- RUDOLPH, Kurt. *Gnosis, the Nature & History of Gnosticism*. HarperOne, 1987.
- WALLIS, R. *Neoplatonism and Gnosticism*. State University of New York Press. 1992.
- WILLIAMS, Michael A. *Rethinking "Gnosticism": an argument for dismantling a dubious category*. Princeton, 1996.
- WISSE, Frederik. *The Apocryphon of John: Synopsis of Nag Hammadi Codices Ii,1; Iii,1; And Iv,1 with BG 8502,2*. Brill, 1995.